«HOJE, OS AGRICULTORES PLANEIAM A PRODUÇÃO EM FUNÇÃO DO MERCADO»

António Serrano, ex-ministro da Agricultura e actual CEO da Jerónimo Martins Agro-Alimentar, faz uma viagem pelo sector agrícola nestas últimas três décadas, apontando as principais conquistas feitas. O professor catedrático fala ainda dos caminhos de futuro para que Portugal não perca a competitividade numa área que considera ser absolutamente estratégica.

Ana Gomes Oliveira

Que conquistas assinala no sector agroalimentar nestes últimos 30 anos?

Nestes 30 anos o sector agroalimentar mudou radicalmente em virtude, também, da Política Agrícola Comum. As várias revisões efectuadas orientaram o sector mais para o mercado, nacional e internacional. Esse caminho começou pelo grande salto na promoção internacional dos vinhos, acontecendo nas carnes muito mais tarde, e também nas frutas e legumes. Portugal tomou uma decisão de promover de forma organizada este subsector com a criação da Portugal Fresh, que terá sido o marco mais importante para as frutas. A pêra Rocha já tinha feito um caminho de reconhecimento, também havia algum trabalho nos pequenos frutos, mas de forma organizada e com presença nas grandes feiras internacionais, conseguiu-se nos últimos dez anos, com a criação da Portugal Fresh.

Houve outras fileiras em destaque neste processo?

A fileira do tomate, onde há muitos anos somos um dos principais *players* internacionais. Temos seguramente o tomate com a maior qualidade. Houve uma clara evolução da organização, quer através das Organizações de Produtores e seus incentivos, mas também através dos próprios produtores, que foram à procura de profissionalizar as associações. Os agricultores também deram um salto importante na sua qualificação.

Quando olhamos para 1992, estamos então a falar de uma realidade muito diferente?

Sim, até porque a década de 90 foi muito má para o sector. Foi quando se verificou um grande abandono da actividade. Mas o encerramento de muitas explorações foi inevitável, pois muitas não tinham condições para se manter de forma competitiva e prontas a dar resposta às exigências técnicas que foram surgindo, nomeadamente na área da veterinária, do bem-estar animal, da fitossanidade ou dos requisitos de formação das pessoas. Este cenário fez com que muitos produtores saíssem da agricultura. O sector leiteiro terá sido o mais afectado. Hoje produzimos mais leite do que quando tínhamos cem mil explorações. Houve esse trabalho de reorganização, de optimização, de olhar para o mercado, para a competitividade e para a qualificação.

Exigências essas que têm tido um peso cada vez maior?

Sim, uma maior preocupação com o bem-estar dos animais e com a segurança alimentar surgem muito por parte do con-

sumidor, que é hoje muito exigente com a qualidade dos produtos, a sua origem e o modo como são produzidos. Há uma evidente preocupação com a segurança alimentar. E neste ponto temos dois conceitos distintos: *food safety* e *food security*. Um trata de garantirmos produção de alimentos para as pessoas, ou seja, haver disponibilidade de alimentos; o outro está ligado às boas condições em que um produto chega ao consumidor. Este caminho da qualidade não vai parar, aliás, o Green Deal e a estratégia Farm to Fork ainda colocam mais pressão nessas exigências.

Que consequências poderão advir daqui?

Para já, traduz-se em custos para os produtores, e muitos também devem desistir. Diria que este caminho da produção orgânica é imparável e um desafio enorme. Como é que vamos conseguir produtividades similares às obtidas em produção convencional para ter disponibilidade de alimentos para as pessoas? É um dilema que atravessamos: por um lado, a protecção dos solos, dos *habitats* e do planeta, que todos queremos que aconteça, e por outro a pressão para alimentar tanta gente.

Como é que se consegue?

Encontrando alimentos alternativos – que já está a acontecer, como os insectos, por exemplo – e com as novidades que o futuro irá trazer em todos os sectores. Obter mais conhecimento técnico orgânico, onde as pequenas produções locais também terão o seu papel. A chamada produção de proximidade, a utilização de edifícios para produção, carnes em laboratório, que também vão trazer respostas. Estamos perante um sector muito mais complexo e muito mais exigente em tecnologia e conhecimento. Esse é um caminho que temos vindo a fazer nos últimos 15 anos. A mecanização foi uma vitória do passado. Hoje vivemos o desafio da utilização massiva

Tomar conta do seu risco
é da nossa natureza

Soluções à medida
Seguro de colheita
Cobertura de preço

A Atlas é uma MGA especializada no sector agrícola que desenha e entrega soluções adequadas às reais necessidades dos agricultores, no âmbito da gestão de risco da sua actividade.

Trabalhamos em parceria com Sompo International.
Saiba mais em www.atlasmga.com

Av. 5 de Outubro - 85, 1º - Lisboa
info@atlasmga.com - + 351 213 186 217

Atlas
AGRO INSURANCE MGA

de tecnologias de ponta, desde sistemas de drones, medição dos indicadores do solo, da água, da humidade. Cada parcela é estudada e vigiada com precisão, fruto da tecnologia, da robótica para a automatização de processos. Tudo isso está hoje disponível, os agricultores já utilizam. Ou seja, estamos a dar passos para a autossuficiência, reduzindo a dependência da energia e procurando reduzir custos. Face a isto, penso que o caminho é positivo, com um progresso enorme, que é traduzido num aumento da produção e das exportações, onde todos os anos temos subido. Hoje, os agricultores planeiam a sua produção em função do mercado que têm, com muita atenção também pelo espaço internacional.

Houve resistências à estratégia de promoção internacional?

Quando estive no Governo, há cerca de 12 anos, havia muitos responsáveis que não achavam que se devia apostar na promoção externa, porque devíamos preocupar-nos com as necessidades nacionais. Mas o mundo não é assim, é global. E, na verdade, consumimos também de outras geografias. Temos de compensar essas entradas com as exportações, caso contrário não equilibramos a balança comercial. Apesar de todo o progresso dos últimos 30 anos, interrogo-me como ainda não conseguimos resolver o *deficit* da balança comercial agrícola, que anda sempre acima dos 3 mil milhões de euros em cada ano. Penso que há ainda muitas componentes que são introduzidas no nosso sistema de produção que são importadas, falo de maquinaria, tecnologia... A nossa formação de valor acrescentado bruto acaba por reduzir também, pois não conseguimos ter fileiras tecnológicas com presença em Portugal. É uma área que temos de desenvolver, como se vê na Holanda.

Mas a ligação entre a agricultura e as universidades e centros de investigação está mais estreita do que antes, ou não?

Sim, essa ligação foi retomada, havendo vários projectos em desenvolvimento, mas, por exemplo, estamos ainda longe do que se passa na Holanda, onde criaram a Universidade de Wageningen para apoiar o progresso do sector agroindustrial. É uma questão que leva muitos anos a desenvolver. Portugal precisa de ter um consórcio de universidades e de institutos que possam construir em conjunto este caminho, promovendo o conhecimento tecnológico interno que, inclusive, pode ser exportado para o Mundo.

De que forma a pandemia de covid-19 veio impactar no sector agroalimentar?

A pandemia chamou a atenção para a necessidade de produção de alimentos a nível nacional para não estarmos dependentes das cadeias internacionais de abastecimento. O sector produtivo deu resposta a isto. Penso que a sociedade valorizou isso e espero que os políticos também.

Muitos agentes do sector mostram-se apreensivos com algumas metas impostas no âmbito de uma Europa mais "verde". Que comentário faz?

Fico preocupado com uma agenda que é um pouco descolada

DESFRUTA OS FRESCOS

O consumidor não abdica de poder desfrutar dos produtos mais frescos, mais atrativos e saudáveis. Com os nossos sistemas de nebulização ajudamos a fazer a diferença nos frescos. Reduza perdas e desperdicio, e aumente as suas ventas.

Aqualife®
frescos mais frescos

Comprometidos com a sustentabilidade.
OBJETIVOS DE DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL

Ver mais em **nebulizacion.eu**

da realidade, no sentido em que, com o Green Deal, a Comissão Europeia coloca a Europa numa zona quase de protecção e com poucas condições de produção. É importante sermos ambiciosos, mas o ritmo desta agenda tem de ser devidamente ponderado e avaliado. Não há avaliações objectivas. Qual o impacto que estas medidas terão na disponibilidade de alimentos? Esse trabalho não está feito. Aderimos muito facilmente a estes desafios, mas as contas têm de ser feitas, e tudo aponta para que estas exigências dificultem os sistemas de produção. A Europa pode correr o risco de, a prazo, não ter produção animal, até porque também há um discurso muito contra os animais, dizendo-se que são os grandes culpados da emissão de metano e CO2 (principalmente o gado bovino), quando no fundo há muita falta de informação. Há espaço para os que não querem comer carne, mas não podemos colocar em causa a função principal. Os sistemas devem ter de tudo, devem ser equilibrados. As pessoas têm é de ter uma oferta diversificada e isso não se consegue com fundamentalismos. Ou seja, a regulação da produção é muito importante, assim como o respeito pelos animais e a garantia de que o consumidor tem acesso a produtos de qualidade e com menos químicos. Estou de acordo com tudo isso. Mas faltam as bases de estudo na fixação das metas. Porquê 25% de SAU em produção orgânica? Por que não 15, 20 ou 30%? O que é que fundamenta isso e que impactos acarreta? É isso que falta responder.

Que papel as políticas públicas podem ter neste processo?

Cada Estado-membro tem de fazer as suas escolhas. Em Portugal, essas escolhas foram de alguma forma contidas e pragmáticas. Há países que terão mais percentagem em produção orgânica, outros menos, para que se alcance a média europeia de 25%. Até porque há que ter em conta os sistemas de produção e os factores climáticos em cada uma das geografias. Não é possível fazer no Centro ou Norte da Europa o que se consegue em países como Portugal e Espanha. Em termos de metas, temos de olhar para uma implementação adaptada. Tivemos essa preocupação no PEPAC [Plano Estratégico da Política Agrícola Comum], onde participei. O papel da política pública é muito importante, nomeadamente da definição dos instrumentos de apoio para o desenvolvimento. Se quero aumentar o esforço da produção orgânica nos sectores onde ela é viável, tem de haver compensações. Se os produtores vão produzir menos, terá de haver um incentivo para a instalação. Em Portugal, a discussão do PEPAC também se gerou muito em torno das diferentes regiões, tentando harmonizá-las. Tanto o PEPAC, como outras medidas, têm vindo a valorizar a pequena agricultura, que é importantíssima para fixar pessoas no território. Obviamente que isto tem de ser conciliado com o incentivo aos agricultores que têm condições para produzir mais e melhor, de modo a aumentarem o seu nível de competitividade. Até porque, se queremos posicionar-nos no mercado internacional, precisamos de produtores mais competitivos.

Sabe-se que em Portugal muitos agricultores estão na casa dos 60 anos, sendo também importante atrair e fixar os mais jovens. Como é que isso pode ser feito?

A Europa tem vindo a incentivar a instalação de jovens agricultores. É um trabalho nunca findo, porque esses instrumentos terão de servir para atrair, mas também para fixar. Penso que tem de ser feita uma avaliação desses programas e premiar os que atingem os objectivos, os que estão a fazer bem. Ou seja, promover o sucesso. Em Portugal, além de termos agricultores mais velhos, temos muitos não licenciados e com uma formação baixa. A média europeia está bem acima de nós. A formação nunca é de mais, é sempre necessária. Esse é um problema para resolver e que é transversal. Em 1986, quando entrámos na União Europeia, não valorizávamos a educação e o desporto, ao contrário do que já acontecia noutros países, nomeadamente os do Leste, onde a população era mais capacitada. Portugal levou muitos anos para resolver este problema do *deficit* de formação. Representa eventualmente o maior atraso de Portugal quando nos comparamos com outros. Hoje estamos com uma população qualificada, mas temos um problema: levámos tanto tempo a fazer isso que muitos dos jovens capacitados vão embora. Temos de fixá-los cá e atrair outros que estão no estrangeiro.

Que temas deverão marcar a agenda actual?

Não podemos ser como a avestruz e esconder a cabeça na

areia. Os efeitos das alterações climáticas estão à vista de todos a cada ano que passa. Sempre tivemos ciclos de seca – a última foi em 2005 e durou três anos –, estamos na Península Ibérica, com solos mais pobres e menos água face a países do Norte e Centro da Europa e, por isso, temos de mitigar estas debilidades. É preciso encontrar alternativas mais eficientes na questão da água. A agricultura representa 70% do uso de água, mas temos de olhar para a água em todas as frentes. Defendo uma campanha clara para a poupança da água em todas as casas, porque o uso doméstico também tem peso. Porque é que as águas domésticas não podem ser reutilizadas? Essa agenda já devia estar em marcha. Os efeitos das alterações climáticas impactam na água e nos solos, que estão sujeitos a uma erosão enorme. Há políticas ainda insuficientes para promover a reconstituição dos solos e há culturas que têm de ser vistas com mais cuidado, avaliadas ao nível de impacto nos solos ao longo dos anos. Temos de ser capazes de recuperá-los, sob pena de um dia não termos espaços aráveis. Estes têm estado a reduzir progressivamente. Portugal e Espanha vão ter esse problema. As culturas intensivas são mais exigentes, mas por outro lado permitem produzir mais, em menos terra. Não basta só falar mal do modo intensivo. Tudo tem de ser pensado. Será que daqui a 30 anos teremos condições para produzir onde hoje produzimos? Provavelmente não. Temos de ter um programa nacional focado na preservação e na recuperação dos solos agrícolas. ●

STET

BATATA SEMENTE
AS VARIEDADES MAIS VENDIDAS PELA STET

MERCADO FRESCO
BRANCAS & VERMELHAS

AMARIN
Precoce, com polpa branca, muito saborosa!

AVANTI
Muito precoce, com polpa firme, adequada para lavar e boa conservação.

BONNATA
Precoce, produtiva, multiusos (cozer e fritar), apta para conservação e lavar.

CAMEL
Precoce, saborosa, multiusos e com boa capacidade de conservação.

DESIREE
Variedade semi tardia. Referência no mercado. Boa qualidade e conservação.

ZINA RED
Muito precoce (temporã), muito produtiva, indicada especialmente para primor.

Outras variedades para mercado fresco:
BELLINI, BRIANNA, CERATA, EL MUNDO, EVEREST, GAUDI, MELANTO, SAFARI, SPUNTA, TRIPLO, TYSON e VITALIA.

FRITURA
RODELAS

SH C 1010
Precoce, amarela, produção muito alta, matéria seca ideal para fritar, boas resistências.

VR 808
Semi precoce, polpa amarela, produção alta, padrão para fritura em rodelas.

Outras variedades para fritura em rodelas:
LEVINATA e SH C 909.

FRITURA
PALITOS

AGRIA
Semi precoce, produção alta, amarela, para fritura e boa aptidão para conservação.

BRICATA
Precoce, muito produtiva, amarela, para fritura. Versátil.

Outras variedades para fritura em palitos:
DONALD e LEONATA.

potatoes are life.

WWW.STET-POTATO.COM

Responsável da STET HOLLAND em Portugal:
Eng. Sérgio Margaço | Tel. (00351) 913 894 820 | Email: comercial@365agro.com | WWW.ADV-AGRI.COM